

CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER ATRAVÉS DE CHARGES

Jeany Santos de Carvalho¹



Resumo: Com base na teoria da Análise do Discurso de Língua Francesa desenvolvida por Pêcheux (1995), Orlandi (1999), entre outros teóricos, e com foco nas concepções básicas de sujeito, formações discursivas e ideológicas, discurso e interdiscurso dessa teoria, este artigo pretende analisar a construção da imagem da mulher ao longo dos anos e observar os fatores contribuintes para a publicação dos interdiscursos produzidos em determinado contexto histórico, que perpassaram as épocas, e estão presentes na contemporaneidade influenciando ainda uma parcela da população, que justifica o preconceito à mulher através desses já-ditos a respeito dela. O material de estudo se constitui de charges que utilizam a linguagem verbal e a não verbal retiradas dos sites: <http://abraosolhosparaomundo.webnode.com.br>, <http://blogs.odiarario.com> e <http://blogdaliaah.blogspot.com.br>. Este estudo objetiva perceber como as charges abordam a construção identitária da mulher e se essa linguagem representa o real perfil feminino atual, bem como constatar quais as formações ideológicas e discursivas que permeiam o universo da reconstrução do perfil das mulheres e de qual forma o interdiscurso interferiu nessa abordagem.

Palavras- Chave: Análise do Discurso, Formação Discursiva, Formação Ideológica, Interdiscurso, Identidade Feminina.

1 Introdução

O espaço da mulher na sociedade como ser múltiplo e independente foi conquistado a duras penas. Para que hoje ela pudesse ocupar postos de trabalho, chefiar empresas, entre outras diversas atividades, foi necessária muita luta e insistência. Herdeira de uma sociedade patriarcal e machista, a mulher precisou ter garra, coragem e determinação para lutar por seus direitos, usurpados pelos pais e maridos autoritários. Devido à importância do papel que a mulher exerce hoje na sociedade, faz-se necessário investigar o caminho

¹ Aluna do Curso Licenciatura em Letras Vernáculas. Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS. Feira de Santana, Bahia, Brasil. jeanyscarvalho@hotmail.com

percorrido até chegar a esse momento. Por isso, esse trabalho pretende analisar a construção da imagem da mulher ao longo do tempo, como esse imaginário está arraigado nos já ditos em outras épocas e observar se as charges confirmam, refutam ou transformam as características do papel feminino.

Este artigo está fundamentado em alguns conceitos da AD de Linha Francesa, que são o de formação discursiva, que segundo Pêcheux (1995) diz respeito a tudo o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada na conjuntura social; o de interdiscurso que ainda de acordo com Pêcheux remete à rede de todos os discursos já ditos e esquecidos, também podendo ser observado como sinônimo de memória. Lembrando que o discurso não é apenas transmissão de informação, mas, é o efeito de sentidos entre os interlocutores.

Assim sendo, tudo o que é dito por determinado sujeito em certo momento histórico ficará armazenado e será reproduzido por outras pessoas em épocas futuras, mesmo que essas pessoas não se dêem conta. Esse fato é explicado na AD de linha francesa através da noção de sujeito. Para essa teoria, o sujeito não é origem do dizer, não é livre para criar e reproduzir seus próprios conceitos sobre todo e qualquer assunto, ele está assujeitado a determinadas ideologias da sociedade na qual convive e sempre reproduz discursos aparentemente novos, mas na verdade são interdiscursos que estavam esquecidos e interpelados por outros discursos em alta no momento.

A partir dessas considerações faremos uma reflexão sobre o papel desempenhado pela mulher na sociedade em várias épocas, considerando os interdiscursos que permeavam a identidade feminina em cada uma delas e refletindo ainda sobre a importância de se conhecer a noção de formações discursivas e ideológicas para entender as charges que retratam essa situação.

2 Mulher contemporânea x mulher dona –de casa / esposa

Observando a sociedade atual, vemos mulheres nos mais diversos papéis, ocupando posição de igualdade perante os homens, muitas vezes chefiando-os em empresas, na política e em todos os setores da sociedade, porém nem sempre foi assim. Por muito tempo, a mulher ficou relegada às tradicionais funções de mãe, dona-de-casa e esposa e não podia nem devia ultrapassar esse limite imposto pelos padrões ideológicos da época.

Devido à sociedade patriarcal na qual habitava, a mulher era criada desde muito nova em submissão e inferioridade com o propósito de aceitar um casamento escolhido pelos pais, no qual não importava o fator sentimental; ela era instruída a cuidar da casa e da alimentação do futuro esposo e dos filhos, que teria obrigação de gerar. Essa mulher na realidade era utilizada como moeda de troca entre as famílias, ou seja, como um objeto valorizado apenas pela utilidade doméstica. E, em hipótese alguma, ela poderia renunciar o objetivo da família, já que sua voz nessa época era ofuscada pelas imposições da sociedade.

Em resumo, essa mulher tinha a função primária de obedecer aos pais até ser transferida para o domínio do esposo. Nessa segunda fase da vida, a mulher se ocupava de todas as tarefas do lar e procurava satisfazer todas as ordens do marido, submetendo-se a reclamações e/ou castigos se não cumprisse todas as tarefas propostas. O fato de a mulher ficar por muito tempo limitada aos serviços domésticos possibilitou a criação e a afirmação de discursos machistas e intolerantes quanto aos ideais de libertação das mulheres dos padrões sociais vigentes.

Através do intenso desejo por mudança e por ressignificação do seu papel, as mulheres iniciaram uma luta permanente, na qual alguns progressos



já foram alcançados. Hoje, podemos perceber a abertura de oportunidades em alguns postos de trabalho e até maior reconhecimento dentro do próprio lar.

Um fato marcante na abertura do mercado de trabalho para as mulheres foi a restrição ao cargo de professora, já que essa profissão estava ligada à vocação e à bondade, características que acreditavam inerentes à mulher, isso provocou um outro tipo de preconceito, o de que essa profissão era totalmente feminina. Ainda faltam muitos objetivos a serem cumpridos, além disso, as conquistas já alcançadas não abarcam as mulheres de todas as sociedades; existem ainda localidades que não aceitam a mulher como indivíduo independente, capaz e digno dos direitos tais como é concedido aos homens.

Isso nos faz perceber que ainda é necessária uma conscientização mundial, uma transformação e superação dos antigos conceitos, para que a igualdade entre homens e mulheres se constitua de forma homogênea e espontânea, para que se representem através das manifestações artísticas e literárias os imaginários coletivos de forma positiva sobre a igualdade de gêneros.

3 Noções básicas da Análise de Discurso para compreensão da identidade feminina

A fim de entendermos a origem e a reprodução de discursos preconceituosos que permeiam a sociedade com relação a mulher, é interessante investigarmos alguns conceitos importantes explicitados pelos teóricos da Análise do Discurso de Linha Francesa. Para Orlandi (2005) o discurso:

é uma mediação entre o homem e a realidade. Essa mediação mobiliza aspectos sociais e ideológicos que constituem os sujeitos. O discurso não é individual, sendo histórico e social, e não pertence somente ao domínio da língua como um sistema abstrato, mas se relaciona com a sua exterioridade.



Como percebemos nesse conceito, o discurso está localizado além da palavra, ele é interpelado pela história, através da memória e está ligado às ideologias dominantes em determinadas épocas em dada sociedade, ou seja, quando um sujeito produz um discurso sobre determinado assunto, ele não está criando uma nova versão sobre ele, mas, de forma inconsciente está reproduzindo dizeres históricos. Dessa forma, o discurso será sempre marcado por interdiscursos.

O interdiscurso, no entanto, não é apenas uma soma de discursos que se fundem, mas, é o conjunto do dizível marcado sociohistoricamente, a partir do qual todo discurso se constroi. (Heine, 2012).

Ainda com relação a não propriedade do discurso pelo sujeito, devemos explicitar a noção de formação discursiva (FD) tão importante para a Análise do Discurso, pois determina o que pode e deve ser dito em certo discurso de acordo com a formação ideológica na qual o indivíduo está inserido. A ideologia transforma o signo utilizado nos discursos e lhe possibilita vários significados, a depender de quem seja o sujeito que o utiliza. Ela é uma visão de mundo de determinado grupo em certo espaço histórico.

Por exemplo, se o sujeito é filiado ao Catolicismo, ele jamais poderá dizer que as imagens dos santos dessa religião não possuem poder algum, pois não

seria conveniente com a formação ideológica do que é ser católico, no espaço social e na época na qual esse discurso está sendo produzido.

Por isso, Foucault (1995, p. 31) faz a seguinte consideração sobre a formação discursiva:

Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites de forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que podem estar ligados, de mostrar que outras formas de enunciação se excluem.

Essas noções são muito importantes para a análise de todo e qualquer discurso produzido, mas, para que ele se materialize é necessário o suporte do texto. O texto é constituído por elementos verbais ou não-verbais, pode ser falado ou escrito e é construído de diversos gêneros. Por sua vez, os gêneros textuais são concebidos como fenômenos históricos profundamente ligados à vida social e cultural dos sujeitos. São flexíveis, dinâmicos e surgem a partir das necessidades dos homens, das atividades socioculturais e das inovações tecnológicas. (Marcuschi, 2002). Existem infinitas modalidades de gêneros textuais, dentre elas: charge, tirinha, artigo científico, poemas, músicas, etc.

Com base nas noções apresentadas de sujeito, discurso, formação discursiva e ideológica, faremos uma breve análise de charges que circularam na internet a respeito do papel feminino na sociedade e discutiremos se o discurso está confirmando ou refutando sua atual formação identitária.



4 Charges que reproduzem o papel da mulher

Figura 1- Mulher: esposa e dona de casa



Fonte: página da Web A favor dos direitos humanos²

Na **Figura 1**, está reproduzido um discurso que permeou por muito tempo a sociedade brasileira, discurso esse filiado a uma ideologia que ditava a noção do que era ser mulher em determinada época: dar conta da casa, do marido e dos filhos, não importando se o esposo tinha ou não tempo para ajudá-la nessas atividades, a obrigação era exclusiva da mulher, ela não possuía liberdade para estudar, muito menos para trabalhar fora de casa, essa mulher devia obedecer o padrão ideal da época sem questionar .

Enquanto aos homens tudo era permitido, sair com amigos, ir aos bares e até mesmo trair a esposa fiel. O homem, sujeito que não é origem do dizer, mas, interpelado por vários já ditos, estava contagiado por interdiscursos que diziam que somente a mulher podia desenvolver as atividades do lar e nem se dava conta que estava sendo autoritário e machista, pois a sua forma de agir era a normal para a então sociedade.

Essa formação discursiva sobre a identidade feminina se fixou na memória do povo brasileiro de tal forma que qualquer manifestação feminina de tentativa de libertação dos ideais machistas eram vistos como imoralidade, e

² Disponível em: <http://abraosolhosparaomundo.webnode.com.br>

punidos de forma severa pelos maridos, tais atitudes eram normalmente aceitas pela população, até mesmo por algumas mulheres que estavam tão adaptadas à sua “sorte” que não tentavam modificar o destino.

Na charge acima percebemos que o marido se senta à mesa como se fosse um hóspede e exige de forma grosseira que a esposa adiante a janta e não se importa se ela está ocupada. A esposa, desarrumada, despenteada, atarefada e cansada solicita que o marido segure pelo menos a criança para que ela pudesse adiantar o serviço. Essa reação da mulher é interessante, pois já dá indícios de que ela está insatisfeita com o papel que exerce e que já questiona mesmo mentalmente a sua condição. Essa charge confirma uma formação ideológica sobre a identidade feminina que limita os papéis que a mulher pode desempenhar, a considera inferior ao homem, por isso determina que ela deve servi-lo, que as mulheres não possuem direitos civis, apenas deve cumprir deveres que lhes são impostos em todo o tempo. Está inserido também no discurso produzido o fato de que as mulheres não são capazes de ocupar a mesma posição que o homem no mercado de trabalho porque são incompetentes.

Figura 2- A super-mulher



Fonte: Odiario.com Blog de Fernanda Rossi³

³ Disponível em <http://blogs.odiario.com>

Na **Figura 2**, vemos a reprodução de um discurso através da linguagem não-verbal de que a mulher desenvolve múltiplos papéis na sociedade. Ela trabalha dentro e fora de casa, estuda, tem liberdade para fazer exercícios físicos, ou seja, cuida do seu próprio corpo, algo que há pouco tempo não era permitido, já que a ideologia dominante pregava que a mulher deveria se embelezar somente para agradar o seu marido e de forma alguma para se sentir bem.

Não vemos uma representação masculina nesta imagem, o que indica o fato de o homem não cooperar com as tarefas domésticas, nem com a criação dos filhos, algo que se tornou comum na atualidade, a mulher passou a ocupar diversas funções, entretanto, os homens continuaram a desempenhar apenas o serviço fora do lar, encarando a casa apenas como um abrigo e não como um lugar no qual ele também tem co-participação.

A formação discursiva sobre a mulher que impera nessa charge é a de que a mulher pode e deve exercer funções extra-casa, ser dona da sua vontade, sem depender do que o esposo ou a sociedade impõe, e a imagem a coloca como uma super mulher porque ela dá conta perfeitamente de todos os papéis que ocupa. Porém, ela ainda aparece exercendo sozinha as atividades domésticas. Outra questão importante a ser observada nessa charge é o fato de a mulher exercer a profissão de professora, como já comentado anteriormente ainda há uma ideologia que insiste em delimitar quais as funções que a mulheres pode exercer dentro do mercado de trabalho, as pessoas adeptas desse discurso ainda acham que nem todas as profissões podem ser exercidas por mulheres.

Percebemos dessa forma que a charge reformula a identidade feminina por incluir atividades como estudo e trabalho fora, mas, ela ainda confirma o interdiscurso produzido em outras épocas de que somente a mulher está apta a

fazer as tarefas domésticas. É necessária então uma sobreposição de discursos para que estes conceitos ultrapassados percam vigor na sociedade e os gêneros possam ser iguados sem que um se sinta superior ao outro.

Figura 3- A mulher vingativa



Fonte: Blog da Liah⁴

Na **Figura 3**, vemos uma representante do sexo feminino colocando o marido para fazer todas as atividades domésticas enquanto ela se diverte com a situação. Apesar de ele reclamar que já está tarde, ela lista todos os serviços que ainda estão por fazer. A charge causa um efeito de humor, pois, os papéis destinados por uma determinada formação ideológica estão invertidos.

É perceptível uma formação discursiva idealizada por muitas mulheres que foram vítimas do preconceito durante décadas e não querem apenas a

⁴ Disponível em <http://blogdaliiah.blogspot.com.br>

posição de igualdade perante aos homens no que diz respeito à cargos no mercado de trabalho. Elas desejam que o sexo feminino seja superiorizado em relação ao sexo oposto e para que isso aconteça, elas desejam que todas funções que até então eram destinadas às mulheres sejam transferidas aos homens. Para elas, através dessa nova imposição os homens realmente perceberão o fardo que elas carregaram o tempo todo e reconhecerão que não apenas as mulheres são predestinadas a se ocuparem das atividades do lar.

Esse discurso de que os homens devem ser considerados inferior às mulheres também é preconceituoso e deve ser repensado, pois, o que deve ser propagado não é a superioridade de um gênero com relação ao outro mas, a convivência pacífica e igualitária dos dois em um mesmo ambiente, com respeito mútuo.

5 Considerações finais

A charge é um gênero que intenciona principalmente construir uma versão irônica sobre determinado assunto. Ela foi escolhida para este trabalho por possibilitar a reprodução de discursos já-ditos sobre a mulher em épocas anteriores que ficaram na rede de memória dos sujeitos e até hoje ainda possui força na sociedade. Através desse trabalho podemos observar o preconceito que a mulher sofreu durante anos pela propagação de algumas ideologias e constatar um avanço no que diz respeito à construção da identidade feminina como ser capaz de desempenhar satisfatoriamente várias funções na sociedade, porém sobre alguns aspectos esse perfil feminino ainda precisa ser reformulado.

É necessário que o discurso de separação das funções entre os gêneros perca espaço na sociedade para que a igualdade entre homens e mulheres possa se destacar, já que a identidade feminina hoje está muito além do que está ainda

representado em certos discursos. A formação ideológica que as contempla está além das limitações ainda mostradas nessas charges, o ideal esperado é que a mulher seja valorizada e respeitada como indivíduo capaz de desenvolver diversas habilidades e obter apoio dos homens e não serem vistas como concorrentes.

Já que Michel Pêcheux dizia que há um ajustamento do sujeito à ideologia, é possível colocar em destaque novos discursos para que em determinado momento, eles se tornem tão importantes que se sobreponham a outros existentes e a formação discursiva defendida pelos sujeitos incluam todos os ideais feministas e dessa forma estes sejam alcançados por completo.

6 REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2004.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, M. O Sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L. Michel Foucault, **Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

HEINE, Palmira. **Tramas e temas em análise do discurso**. Curitiba, PR: CRV, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria

Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editora, 2005.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.